

LIBERTAÇÃO O HOMEM QUE PROVAMOS TER SIDO VÍTIMA DE ERRO JUDICIAL FOI MANDADO SOLTAR PELO SUPREMO TRIBUNAL

GR

GRANDE REPORTAGEM 222

PORTO

VIAGEM AO INTERIOR DA CASA DA MÚSICA

Manuel Maria Carrilho

O CERCO A LISBOA

URDINDO A LONGO PRAZO UMA TEIA DE ARANHA, O EX-MINISTRO DA CULTURA IMPÔS-SE AOS SOCIALISTAS COMO O CANDIDATO DO PARTIDO À PRESIDÊNCIA DO PRINCIPAL MUNICÍPIO DO PAÍS. PASSARÁ A CAPITAL A SER GOVERNADA POR UM FILÓSOFO?

KOSOVO
A GUERRA EM LUME BRANDO

PAULO COELHO
LIVROS E MILHÕES

PERCURSO
SALAMANCA:
TRADIÇÃO E MODERNIDADE

MANUEL MARIA CARRILHO FOTOGRAFADO EM 1 DE ABRIL NO AUDITÓRIO AO AR LIVRE DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, EM LISBOA

GR

GRANDE REPORTAGEM

9 A 15 DE ABRIL DE 2005

22 FILÓSOFO COM PODER

MANUEL MARIA CARRILHO é o nome apresentado pelo Partido Socialista para a presidência da Câmara Municipal de Lisboa. Filho de salazaristas, opôs-se desde a juventude à ditadura. Filósofo, pretende governar a cidade. Retrato do ex-ministro da Cultura, com poder ao fundo.

34 O NOVO PALÁCIO DE CRISTAL

A Casa da Música vai ser inaugurada, no Porto. O arquitecto, Rem Koolhaas, explicou que o projecto começou como encomenda de um casal que se dava mal e precisava de um sítio específico para morar. O resultado é maravilhoso: labirinto de cimento e vidro, de amplos espaços e de recantos.

44 KOSOVO AFLITO

No Kosovo, cidadãos de origem albanesa e sérvia continuam a digladiar-se. Ali, respira-se ódio, apesar da presença de tropas estrangeiras que tentam manter o equilíbrio instável da paz.

54 JUSTIÇA CEGA

O agricultor Ivo Joaquim, condenado por um crime que sempre afirmou nunca ter cometido, foi libertado, enfim. Mas ninguém lhe devolve doze meses passados na cadeia. Um caso que a GR já denunciara.

58 A OBSESSÃO DE PAULO COELHO

O escritor brasileiro Paulo Coelho lançou um novo livro, *O Zahir*, à escala mundial. Mas este sucesso quantitativo não basta ao autor, que se queixa sobretudo dos críticos franceses que lhe dão pancada. Ele afirma que poderia escrever como Joyce.

4 DA DIRECÇÃO

6 CARTAS

14 SEMANA GR

20 AS COISAS QUE SE DIZEM Miguel Relvas

64 AGENDA K Galeria

65 MESTRE DE OBRAS Luís Amorim de Sousa

66 VOLTA AO MUNDO Salamanca, Espanha

68 SOBRE RODAS Mazda MX-5

69 CÉU ABERTO Droga no basebol

70 À MESA Frango de raízes crioulas

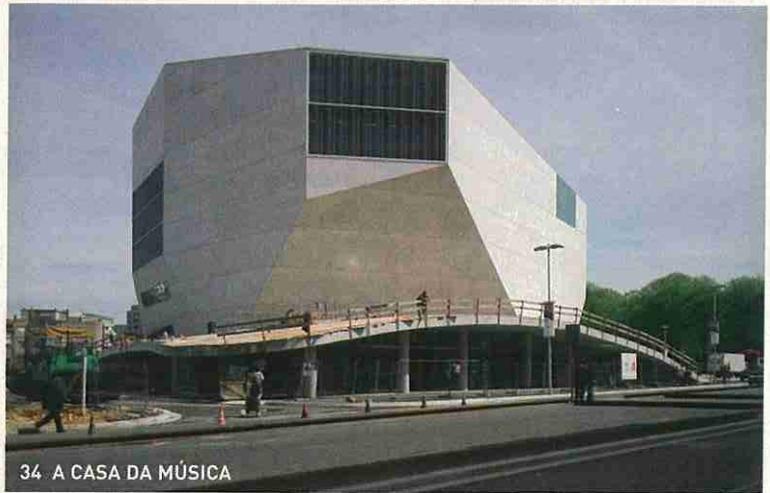
73 CLÍNICA GERAL Luxação

74 FORMULÁRIO Júlio Machado Vaz

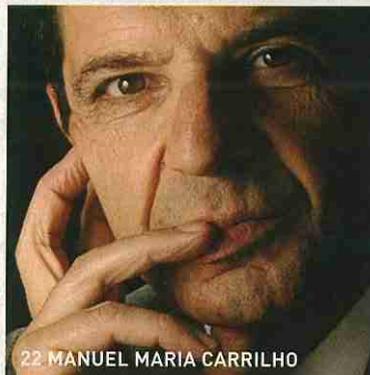
CRÓNICAS

10 JOSÉ MANUEL BARATA-FEYO 12 PEDRO MEXIA

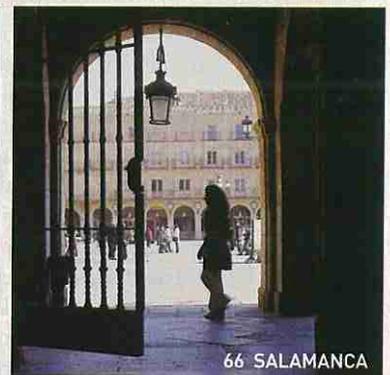
17 JOAQUIM VIEIRA 72 O SEXO E A CIDADIA



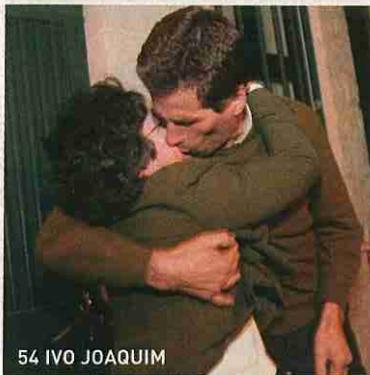
34 A CASA DA MÚSICA



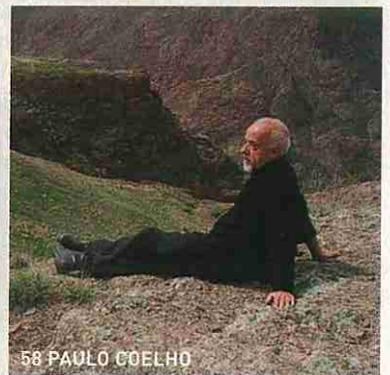
22 MANUEL MARIA CARRILHO



66 SALAMANCA



54 IVO JOAQUIM



58 PAULO COELHO



44 KOSOVO CHORA OS SEUS MORTOS



Foto de Capa:
Jordi Burch

Com o seu
calculismo a longo
prazo, Carrilho
não quererá ficar
remetido só
à presidência
da capital

A OUSADIA COMPENSA

Ele pode ser ambicioso, arrogante, centralizador, autoritário, vaidoso, intrometido, em suma, ter o rei na barriga. Mas há uma qualidade que ninguém nega a Manuel Maria Carrilho – a ousadia. Provou-o ao desafiar António Guterres (que o puxara para a política activa e lhe oferecera o cargo de ministro da Cultura), num congresso socialista onde foi a única voz discordante no ritual de consagração do líder – e por isso recebeu dos militantes à beira do fanatismo uma vaia arrasadora, que teria desmoralizado qualquer um. Veio a provar-se, afinal, que tinha razão, e quando Guterres desertou os que o assobiaram tiveram de engolir contrafeitos os insultos.

O novo acto deste monólogo de corredor solitário deu-se há pouco mais de 12 meses, quando Carrilho comunicou à direcção do PS que queria ser candidato à presidência da Câmara Municipal de Lisboa, nas autárquicas do fim deste ano. O cenário não era favorável, dado prever-se então que a coligação PSD/CDS se manteria para além das autárquicas e que Pedro Santana Lopes poderia facilmente ser reeleito como presidente do município. Nem sequer o facto de Carrilho se ter posto em bicos de pés foi tomado a sério no partido, onde se favorecia outras candidaturas e se pensava haver gente mais bem qualificada para enfrentar Santana.

Mais uma vez, porém, a ousadia compensou: o contexto político alterou-se radicalmente, abrindo a possibilidade de o PS vencer as autárquicas em Lisboa; Carrilho foi angariando pacientemente o apoio de centenas de notáveis; e os outros potenciais concorrentes às «primárias» socialistas para a capital, por uma razão ou outra, foram-se afastando. Resultado: mesmo que *à contre-coeur*, quanto mais não fosse por falta de alternativa, Sócrates acabou por patrocinar a candidatura de Carrilho. De novo, contra todas as expectativas, veio a revelar-se justo o *timing* do professor de Filosofia. A isto há que tirar o chapéu. Fazemo-lo na presente edição, contando o percurso deste viseense que cedo abraçou o cosmopolitismo, que deixou marca na Cultura (mesmo que alguns considerem ter-se interessado mais pelo espectáculo do que pelo património), que criou as mais inesperadas incompatibilidades ao mesmo tempo que foi somando apreciadores e que, pela certa, com o seu calculismo a longo prazo, não quererá ficar remetido só à presidência da capital.

A GR tem um duplo motivo para se congratular pela recente libertação de Ivo Joaquim (ver págs. 54-57): por um lado, porque no ano passado (n.º 177) demonstrou, através de uma investigação da jornalista Felícia Cabrita, que este agricultor de Torres Vedras estava preso por um crime que não cometera; por outro, porque a Justiça funciona, apesar da sua exasperante lentidão, sobretudo quando está em causa a presumível inocência de um recluso (conforme se criticou nos «Passos em Volta» de há três semanas, 12 dias antes de os juízes-conselheiros terem decidido esta medida). Enfim, do mal o menos.

Joaquim Neto

GR

GRANDE REPORTAGEM

REDACÇÃO

Rua Rodrigues Sampaio, 89 - 2º | 1250-279 LISBOA
Telefs.: 213 187 500 / 213 187 324 Fax: 213 504 863
E-mail: grandereportagem@pressmundo.pt

Director **Joaquim Vieira**

joaquim.vieira@grandereportagem.com.pt

Editor **Torcato Sepúlveda**

torcato.m.sepulveda@grandereportagem.com.pt

Director de Arte **Rui Leitão**

rleitao@pressmundo.pt

Editor de Fotografia **Rui Xavier**

rui.m.xavier@grandereportagem.com.pt

Redacção **Felícia Cabrita** [redactora principal], **João Pombeiro** [coordenador] jpombeiro@grandereportagem.com.pt, **Ana Sofia Fonseca**, **Joel Neto** joel.g.neto@grandereportagem.com.pt, **Ricardo Santos** ricardo.b.santos@grandereportagem.com.pt, **Rita Bento** [Copy-Desk]

Fotografia **Pedro Loureiro** ploureiro@grandereportagem.com.pt

Design **Ana Faleiro** [coordenadora], **Michael Cavero** e **Nuno Silva**
Assistentes Editoriais **Dulce Bragança** dulce.c.braganca@grandereportagem.com.pt **Maria João Amaral** m.joao.amaral@grandereportagem.com.pt

Colaboradores **António Martins**, **Filipe Araújo**, **Francisco Camacho**, **Francisco José Viegas**, **Gonçalo Pereira**, **Helena Mendonça**, **Iza Salles** [Rio de Janeiro], **João Lopes Marques** [Amesterdão], **João Mesquita**, **José Manuel Barata-Feyo**, **Luís M. Faria**, **Martin Adler**, **Pedro Almeida Vieira**, **Pedro d'Anunção**, **Pedro Mexia**, **Silva Pires**
Circulação **António Paixão** Marketing **Cátia Antunes** cantunes@pressmundo.pt

Produção **António José Carvalho** [director], **João Paulo Pires**, **Juvenal Carvalho** e **Patrícia Brito**

Publicidade **Frederico Almeida Dias** [director-coordenador de publicidade] frederico.dias@grandereportagem.com.pt **Alexandra Robalo** [directora de contas] arobalo@grandereportagem.com.pt **Inês Perestrello** [directora de contas] iperestrello@pressmundo.pt **Filipe Barata** [assistente] filipe.barata@grandereportagem.com.pt

TEL.: 213 187 805 FAX: 213 187 425

Delegação no Porto **Vitor Cunha** [director de contas] vitor.cunha@pressmundo.pt

TEL.: 222 096 417

Maria João Eça [assistente] maria.j.eca@pressmundo.pt

TEL.: 222 096 172 FAX: 222 096 193

GLOBAL Notícias

Publicações, SA

Registada na Conservatória Comercial do Porto com o n.º 5738.
Capital Social de 6.334.285 euros. N.º de Contribuinte 500 096 791.

Sede na Rua Gonçalo Cristóvão, 195 - 4049-011 Porto

TEL.: 222 094 111 - FAX: 222 095 330

Filial na Av. da Liberdade, 266 (ed. Diário de Notícias) - 1250-149 Lisboa

TEL.: 213 187 500 - FAX: 213 187 506

GLOBAL NOTÍCIAS, Publicações, SA Conselho de Administração: José Cutileiro, Luís Delgado, Josefe Berrones, Manuel Soares, Miguel Moreno, José Marquitos, Manuel Lemos Ribeiro; Director Geral de Publicações Carlos Andrade; Director Geral Comercial Luis Ferreira; Detentores com mais de 10% de capital social Lusomundo Media SGPS, SA Depósito Legal n.º 30 078 / 89 Pré-impressão VJ-Fotocomposição Impressão e acabamento Lisgráfica SA - Est. Consiglieri Pedrosa, Casal de Santa Leopoldina, 2745-553 Barcarena Distribuição Notícias Direct - Tel.: 219 249 988

PUBLICAÇÕES DA LUSOMUNDO MEDIA:

Açoriano Oriental, Evasões, Diário de Notícias, Grande Reportagem, Jornal do Fundão, Jornal de Notícias, National Geographic, Notícias Magazine, PlayStation2, Viagens, Volta ao Mundo e 24 Horas.

Interditada a reprodução de textos e imagens por quaisquer meios. Esta revista é parte integrante dos jornais Diário de Notícias e Jornal de Notícias. Não pode ser vendida separadamente.

O NOVO PRÍNCIPE

FOI UMA DAS GRANDES APOSTAS DE ANTÓNIO GUTERRES E UMA DAS SUAS MAIORES DESILUSÕES. ACADÉMICO PRESTIGIADO GUINDADO AO ESTATUTO DE ESTRELA POLÍTICA, CARRILHO REVELOU-SE COMBATIVO, RIGOROSO E OBSTINADO NA HORA DE PASSAR À ACÇÃO. MAS TAMBÉM IMPREVISÍVEL, CAPRICHOSO, DESEJOSO DE PROTAGONISMO. DOS TEMPOS EM QUE DETEVE A PASTA DA CULTURA, HERDOU APOIANTES INDEFECTÍVEIS E ÓDIOS DE ESTIMAÇÃO: OS PRIMEIROS PERDEM-SE EM ELOGIOS HIPERBÓLICOS, OS OUTROS DIZEM QUE É «UM HOMEM SEM QUALIDADES». RETRATO DO CANDIDATO DO PS À CÂMARA DE LISBOA.

TEXTO DE ISABEL OLIVEIRA | FOTOGRAFIA DE JORDI BURCH

Bem parecido (os detractores chamam-lhe vaidoso e acusam-no de dandismo), Manuel Maria Carrilho é aposta segura das revistas cor-de-rosa desde que assumiu o romance com Bárbara Guimarães, vedeta televisiva rendida aos encantos da cultura. O nascimento do filho de ambos, Dinis Maria, foi quase um acontecimento nacional, com perseguição de *paparazzi* e alguma violência incontrolada por parte do novel papá. Garantem os que o conhecem que o casamento lhe trouxe equilíbrio. Que está menos arrogante e mais dialogante. Que a passagem dos 50 anos lhe serenou os ânimos. *Voilà* o candidato do PS à Câmara Municipal de Lisboa.

Em Janeiro de 2004, anunciou-se disponível para o lugar. Antes, falara com o responsável pela concelhia socialista da capital e dera a conhecer a sua intenção ao então secretário-geral do partido, Eduardo Ferro Rodrigues. Num cenário político desfavorável – «Pedro Santana Lopes obtinha a preferência dos eleitores de Lisboa em todas as sondagens, o Governo de coligação, liderado por José Manuel Durão Barroso, estava de pedra e cal, e o PS demonstrava dificuldade em apresentar-se como alternativa credível», sublinha um colaborador próximo –, Carrilho lançava-se numa cruzada de desfecho imprevisível. Chamou a si os *dossiers*

mais problemáticos da cidade, auscultou especialistas em diversas áreas, visitou «pontos negros» da capital, analisou as experiências vividas pelos presidentes de câmara de Roma, Paris, Barcelona. O ex-ministro da Cultura considera-se agora «mais qualificado para governar Lisboa». Estes 14 meses de contactos e reflexão sobre a cidade proporcionaram-lhe uma «perspectiva global».

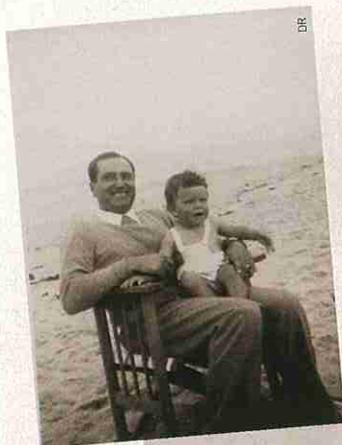
Ao empenho e determinação evidenciados no estudo de soluções para Lisboa, um sector da *intelgentzia* respondeu com uma «vaga de fundo». Em Fevereiro último, umas 500 personalidades subscreviam um documento de apoio à candidatura de Carrilho. Do mundo das letras e da comunicação à música, da arquitectura e urbanismo ao teatro, da economia e gestão à advocacia, a lista fala por si: António Lobo Antunes, José Saramago, Inês Pedrosa, Eduardo Prado Coelho, Emídio Rangel, António Pinho Vargas, Nuno Teotónio Pereira, Gonçalo Byrne, João Carrilho da Graça, Manuel Graça Dias, Rita Blanco, Augusto Mateus, Alfredo Bruto da Costa, João Nabais e José António Pinto Ribeiro, entre muitos outros. Intitulado «Apelo por Lisboa», o abaixo-assinado sublinha a necessidade de desenvolver um projecto que faça de Lisboa «uma cidade diferente, que proporcione melhor qualidade de vida aos seus habitantes e seja motivo de orgulho para todos os portugueses», através de «uma liderança forte e motivada, alguém que saiba definir e fazer cumprir objectivos claros, que seja um homem de acção e de cultura».

Ainda em 2004, quando a liderança do PS mudou de mãos, Carrilho fizera questão de informar José Sócrates sobre as suas movimentações em Lisboa. Ao que se sabe, o novo secretário-geral não abriu o jogo: primeiro havia que preparar as eleições legislativas.

Após o sufrágio de 20 de Fevereiro, que deu a maioria absoluta ao PS, as pressões sobre a direcção do partido intensificaram-se: articulistas e líderes de opinião começaram a manifestar-se a favor do antigo titular da Cultura, que somava apoios até no interior do PS. Uma semana antes da Páscoa, Manuel Alegre, que disputara com Sócrates as eleições internas para a liderança do partido, vinha a terreiro aplaudir a candidatura de Carrilho. Outros se lhe seguiriam. A dinâmica parecia imparável, ao ponto de a direcção do PS propor a Ferro Rodrigues – o outro socialista apontado há muito como putativo candidato à Câmara de Lisboa – que os dois dirigentes fossem a votos numa reunião da Comissão Política: quem ganhasse estas «primárias» avançaria para a capital. Perante esta hesitação do líder, Ferro Rodrigues – que talvez esperasse uma demonstração inequívoca de apoio de Sócrates – retirou-se da corrida, deixando o caminho aberto a Carrilho.

O arquitecto paisagista Rui Valada, um dos principais impulsionadores do «Apelo por Lisboa», congratula-se com o desfecho: «É dos poucos casos em que um movimento da sociedade civil consegue impor-se à lógica

É O SEGUNDO DE SETE FILHOS DE UMA FAMÍLIA ILUSTRE E ABASTADA DE VISEU. QUIS A MÃE QUE TODOS TIVESSEM EDUCAÇÃO ESMERADA, COM RESPEITO PELA TRADIÇÃO: O TERÇO DIÁRIO ERA OBRIGAÇÃO E DEVOÇÃO. NA MENINICE, MANUEL MARIA REZAVA COM FERVOR E AJUDAVA À MISSA NOS DIAS SANTOS.



O CLÁ
Ao colo do pai, na praia de Espinho, em 1953 (à esq.); Manuel Maria, o primeiro à esq., no dia da primeira comunhão e simultaneamente dia do baptizado de uma irmã, em 1957 (ao centro); e os sete irmãos com os progenitores (Manuel Maria, terceiro a contar da esq., de pé), nos 70 anos do pai, em 1986, em Viseu



partidária.» Valada, autor do projecto de recuperação do Rossio romântico – levado a cabo durante a presidência de João Soares –, refere que a cidade «entrou em completa estagnação, e para inverter este estado de coisas é necessária uma estratégia mobilizadora, assente em objectivos fortes que promovam a competitividade de Lisboa face a outras capitais europeias.»

Os dados estão lançados. Conseguirá Carrilho corresponder à expectativa que centenas de notáveis nele depositaram? Que percurso e que obra feita justificam este inusitado entusiasmo?

Nascido em 1951, Manuel Maria Ferreira Carrilho é o segundo de sete filhos de uma família ilustre e abastada de Viseu. Quis a mãe que todos tivessem educação esmerada, com respeito pela tradição: o terço diário era simultaneamente obrigação e devoção. Na

meninice, Manuel Maria não questionava as regras da casa. Rezava com fervor e ajudava à missa nos dias santos. Foi católico convicto até aos 15 anos, altura em que o enviaram de castigo para um colégio de beneditinos em Lamego. Os três meses de internato pareceram-lhe os mais longos da sua vida: habituado a conviver com muita gente (em casa estavam diariamente umas 20 pessoas, entre pais, irmãos, avós e primos), sofreu na pele o isolamento. Aproveitou, no entanto, o recato do colégio para se dedicar à introspecção e à leitura. Regressou diferente a Viseu: mais aplicado e instruído, mais dado à reflexão, mas sem ponta de fé.

O pai, Manuel Engrácia Carrilho, homem de confiança do antigo regime, era o governador civil do distrito de Viseu. Manuel Maria encontrava-se do outro lado da barricada: simpatizante da oposição, deixou crescer o cabelo em jeito de provocação e usava com frequência uma boina preta com estrela, à Che Guevara. O grupo contestatário de que fazia parte reunia-se no Café Monte Branco, em frente do parque da cidade. O deputado socialista José Junqueiro lembra que, por causa destas e doutras, o jovem «chegou a ser admoestado publicamente pelo pai». De nada valeram os reparos. Rebelde e determinado, Manuel Maria colou cartazes contra a PIDE e participou activamente numa campanha eleitoral, ao lado de Álvaro Monteiro, líder local da facção democrática. Carrilho desdramatiza o episódio: «O ambiente não era de grande críspação, até porque o meu pai nunca deixou prender ninguém, era bastante liberal.» Na década de 80, terminada a sua travessia do deserto, Engrácia Carrilho foi eleito presidente da Câmara Municipal de Viseu pelo CDS/PP. Em 1992, faleceu, juntamente com a mulher, num acidente de automóvel.

Foi por intermédio de Augusto Saraiva que o jovem revolucionário se deixou conquistar pela Filosofia. O professor liceal – e autor dos manuais da disciplina – era um espírito aberto e atento aos sinais do tempo. Durante as aulas, promoveu debates sobre

CHAMOU A SI OS DOSSIERS MAIS PROBLEMÁTICOS DA CIDADE, AUSCULTOU ESPECIALISTAS EM DIVERSAS ÁREAS, VISITOU ALGUNS «PONTOS NEGROS» DA CAPITAL, ANALISOU AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELOS PRESIDENTES DE CÂMARA DE ROMA, PARIS, BARCELONA. CARRILHO CONSIDERA-SE AGORA «MAIS QUALIFICADO PARA GOVERNAR LISBOA».

o movimento estudantil francês de 1968 e o estruturalismo, despertou os alunos para a contenda que opunha, desde 1962, a esquerda radical a Vergílio Ferreira – por este ter prefaciado o livro do jovem Almeida Faria (*Rumor Branco*), que lhe valeu o Prémio Revelação da Sociedade Portuguesa de Escritores. O discípulo não se dava por satisfeito com o tempo regulamentar das lições. Muitas vezes faltou à aula seguinte para acompanhar o mestre num longo

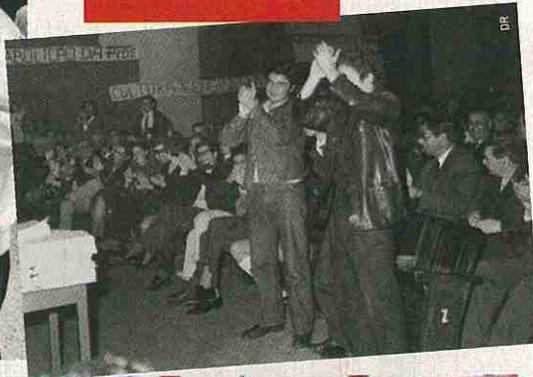
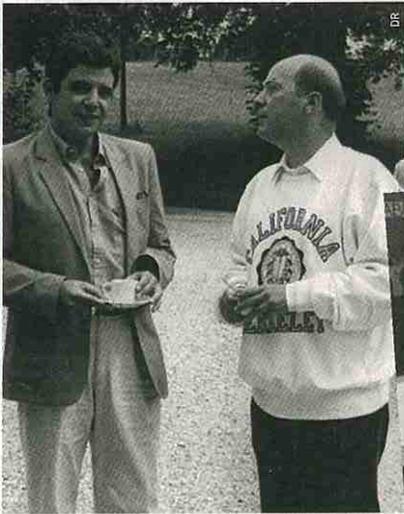
passeio pela circunvalação de Viseu e beber mais alguns dos seus ensinamentos. «Era um professor extraordinário, com projecção nacional – Óscar Lopes, Mário Sacramento, José Marinho, Jorge de Sena visitavam-no de tempos a tempos», recorda. Tornaram-se

grandes amigos (de resto, o discípulo até namorava uma filha do professor, Joana).

Aos 17 anos já lia Levi-Strauss, Althusser, Barthes. Manuel Maria pertencia a um grupo

«alucinado pela leitura», que ia de camioneta a Coimbra comprar livros à Almedina. Entre a paixão e a euforia da descoberta de novas ideias, decidiu que não seguiria Direito, contrariando os planos do pai. Um ano depois, chegava a Lisboa para cursar Filosofia na Faculdade de Letras. As primeiras impressões foram desanimadoras: «Nunca tive uma visão historicizante da Filosofia. O que me interessava era o modo como responde aos problemas da contemporaneidade. A forma como estava organizado o curso dava vontade de fugir.» Prado Coelho, colega de faculdade – seguiu Literatura – e amigo chegado (foi em sua casa, na sua máquina de escrever, que Carrilho escreveu o primeiro artigo para o DN), lembra que «ele sempre se interessou por literatura e arte». Aristóteles, Maquiavel e Proust são autores de cabeceira.

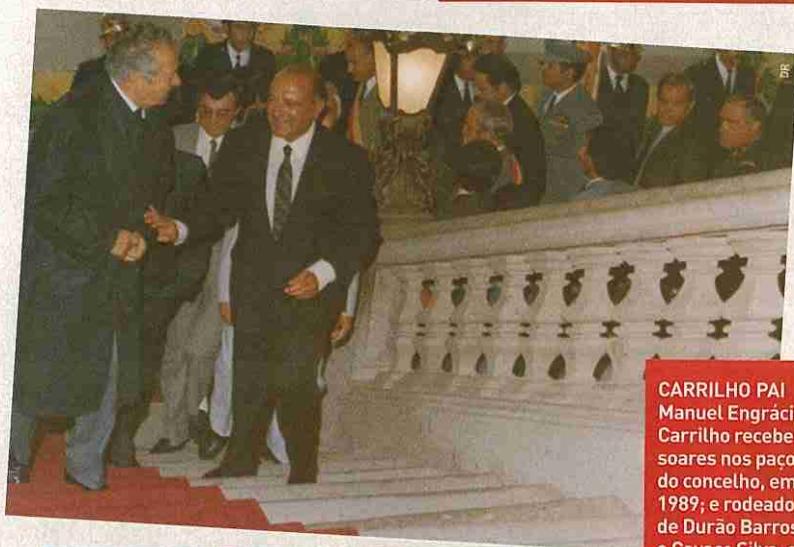
INSURREIÇÃO E UNIVERSIDADE
Com o filósofo Michel Meyer (à esq.); no início da oposição democrática, em 1969, em Viseu (ao centro); e provas de agregação na Universidade Nova de Lisboa – Manuel Maria está ao lado do historiador José Mattoso (em baixo)



Envolveu-se no movimento académico, participou em acções conduzidas pela oposição democrática e pelo PCP, mas mantinha-se num grupo à parte: «Criámos o grupo anarquista Volin (em homenagem ao anarquista russo fuzilado por Estaline), ganhámos adeptos, mas quando chegaram as férias desistimos.» Esteve em todas as manifestações contra a guerra colonial. Ele, de resto, resolvera não ingressar nas fileiras de combatentes que rumavam para África. Em Novembro de 1973, visitou amigos em Paris, disposto a juntar-se-lhes no exílio. Foi então que ouviu falar pela primeira vez das movimentações militares contra a ditadura, que culminariam na Revolução dos Cravos.

O 25 de Abril de 1974 foi, aliás, uma das razões que o levaram a permanecer em Lisboa até concluir o curso. A outra era do foro sentimental: Carrilho apaixonou-se por uma colega, Joana Varela (actual directora da revista *Colóquio/Letras*), casaram e tiveram um filho, o José Maria. Amigos e companheiros de curso recordam a cena (então) insólita de Manuel Maria andar para todo o lado com o bebé a reboque num marsupial: «Era um pai moderno, muito interessado.» Quando mais tarde se divorciou (num processo que amigos

O JOVEM «CHEGOU A SER ADMOESTADO PUBLICAMENTE PELO PAI». DE NADA VALERAM OS REPAROS. REBELDE E DETERMINADO, MANUEL MARIA COLOU CARTAZES CONTRA A PIDE E PARTICIPOU ACTIVAMENTE NUMA CAMPANHA ELEITORAL, AO LADO DE ÁLVARO MONTEIRO, LÍDER LOCAL DA FACÇÃO DEMOCRÁTICA.



CARRILHO PAI
Manuel Engrácia Carrilho recebe Mário Soares nos paços do concelho, em Viseu, 1989; e rodeado de Durão Barroso e Cavaco Silva, em 1988



de ambos recordam como muito complicado, envolvendo cenas violentas em público), a criança ficou sob sua tutela. «Criei-o sozinho a partir dos nove anos e acho que nunca teve razão de queixa», conta. «Quando tinha de me ausentar do País, ele ficava à guarda da minha irmã mais nova.» Carrilho tem ainda outra filha, Maria, nascida nos anos 80, fruto de um romance com uma aluna. Por coincidência, a aluna era filha de um dos capitães do 25 de Abril, e a gravidez da jovem susci-

tou fortes discussões entre o oficial e o professor de Filosofia. Ao contrário do sucedido com o primeiro filho, a filha ficou sob a tutela da mãe.

Carrilho viria a distinguir-se numa academia concorrente: a Universidade Nova de Lisboa. Foi aqui, aquando da fundação da Faculdade de Filosofia, que fez o mestrado, o doutoramento e, posteriormente, a agregação (em 1993). Trabalhou em áreas como a epistemologia, a filosofia política e as

relações entre a filosofia e a ciência, sempre no domínio da filosofia contemporânea.

Procurou aliar a docência universitária à investigação e à escrita. Tem obra feita: o seu primeiro livro, *O Saber e o Método*, foi editado pela Imprensa Nacional em 1982. Outros nove se lhe seguiriam, editados por cá e em França. Tem estudos publicados em periódicos como a *Revue Internationale de Philosophie*, a *Cultural Dynamics* ou a *Periodística*. Correspondeu-se com nomes da filosofia contemporânea como Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Richard Rorty e Jurgen Habermas, para além de ter participado em trabalhos para o Centro Europeu para os Estudos da Argumentação. É ainda catedrático da Université Libre de Bruxelas: deu a primeira aula pouco tempo antes de integrar o Governo de António Guterres.

Distingue-se de outros universitários por preferir os grandes temas de reflexão à especialização num autor consagrado. O cientista João Carça, que se lhe juntou na escrita de três publicações, é de opinião que Carrilho, «para além de enorme bagagem cultural, tem enorme capacidade de analisar os problemas». Prado Coelho concorda: «Foi-se tornando menos romântico e mais analítico. Deleuze marcou-o. Não foi por acaso que ele e a mulher traduziram o *Anti-Édipo* [de Deleuze/Félix Guattari]. Derrida foi outra figura de referência.»

Aderiu ao PS em 1986, após a vitória de Mário Soares nas presidenciais. Antes tinha integrado a Comissão Nacional para a eleição de Maria de Lourdes Pintasilgo. Jaime Gama e José Leitão foram os proponentes da sua filiação. «Nos primeiros tempos, mantive uma certa distância: a minha opção de vida era a carreira universitária», explica. Isto não o impediu de apoiar Gama no congresso que colocou Vítor Constâncio na liderança do partido. Afinal de contas, fazia parte da Comissão Nacional.

Cinco anos depois, ensaia uma aproximação à vida partidária, quando Jorge Sampaio — então secretário-geral — o convida a trabalhar



CARRILHO E O MUNDO
Com Valter Veltroni,
ministro italiano
da Cultura, o ex-primeiro-
ministro António Guterres
e Jack Lang, antigo
ministro francês da Cultura
e da Educação, em 1997

no programa do Governo para a área cultural. Carrilho, António Mega Ferreira e Pedro Frade entram em rota de colisão com o grupo de António Reis: havia no PS duas visões bem diversas do papel a desempenhar pelo Estado no sector. Numa reunião dramática, cada facção disse de sua justiça e Sampaio quis fazer a síntese. Não se conseguiu ir muito longe. «Foi tudo bastante confuso, nem sei quem acabou por redigir o documento; voltei à universidade para preparar a agregação», explica Carrilho com um encolher de ombros. «Depois fui para Bruxelas.» Diz ter ficado tão mal impressionado com a experiência que nem se deu ao trabalho de participar na reunião magna do partido que opôs Guterres a Sampaio e ditou a vitória do primeiro.

Em 1994, no âmbito dos Estados Gerais – movimento criado por Guterres, aberto à sociedade civil, que lhe facilitaria a vitória nas

legislativas de 1995 –, volta a ser chamado, juntamente com Rui Vieira Nery e Ricardo Pais. «Encarei o desafio com algum cepticismo», conta, entre risos. «Fui à primeira reunião e nunca mais me deixaram sair!» Chegou, viu e venceu. De tal maneira que o convite para ministro da Cultura, formalizado um ano depois, não o terá surpreendido: «Fazia parte do meu quadro de hipóteses», confessa.

Quem no passado o conheceu bem vê nele uma «grande ambição de poder, seja na universidade seja na política», não espantando portanto a estratégia a longo prazo que Carrilho estabelece para conquistar um lugar, fosse como ministro ou agora como candidato à presidência da Câmara da capital.

Foi um governante controverso. Prado Coelho atribui a faceta de *enfant terrible* do guterrismo ao «seu espírito predominantemente conflituoso, polémico». Frisa, no en-

tanto, as marcas positivas da sua passagem pelo poder: «A fundação do Ministério da Cultura, a criação das suas estruturas e de um modelo de actividade cultural que foi marcante.» Para este universitário, a actuação do ministro merece cinco estrelas em três áreas, Feira de Frankfurt, Salão do Livro de Paris, Fundação de Serralves: «A internacionalização da literatura portuguesa foi iniciada com Teresa Gouveia, mas consolidada com Carrilho.» Miguel Lobo Antunes, vice-presidente da Culturgest – e subscritor do «Apelo por Lisboa» – salienta outros aspectos da sua actuação: «Definiu uma estratégia consistente para o ministério, tem do exercício do poder uma visão muito pragmática (de que é para fazer obra), sabe constituir equipas.»

A VOZ ESGANIÇADA DE CARRILHO ACUSAVA A IRRITAÇÃO PELO FACTO SINGULAR DE A BANCADA SOCIALISTA TER APROVADO UM VOTO DE SAUDAÇÃO A SANTOS SILVA PELA CREDIBILIDADE E EMPENHO À FRENTE DO PROJECTO PORTO 2001. A PROPOSTA DE VOTO, DO PSD, NÃO PODIA TER SIDO MAIS ESPINHOSA PARA O MINISTRO DA CULTURA.

Em Novembro de 1995, na sua primeira prova de fogo no Parlamento, mostrou que não virava a cara a um bom combate. Debatia-se a campanha contra a construção de uma barragem hidroeléctrica em Foz Côa, a qual ameaçaria uma das mais ricas jazidas europeias de gravuras rupestres do Paleolítico. O PSD, responsável pelo empreendimento enquanto Governo, recusava fazer marcha-atrás, agitando os milhões de contos já gastos no projecto. Carrilho, em nome do Executivo, assumiu a defesa do património cultural, propondo a construção de um parque arqueológico no lugar da barragem. Estava-se num impasse. Mas quando o deputado social-democrata Luís Mira Amaral avançou ter pareceres de peritos segundo os quais as gravuras não remontavam ao Paleolítico, Carrilho disparou: «Dê-me o nome de três especialistas!» Não teve resposta. «Dois!», concedeu. Silêncio. «Um!», insistiu. Nada. Tinha ganho por KO. O Parque Arqueológico de Vale do Côa foi avante e o ciciado Manuel Maria «Sarrilho» estreava-se entre os bonecos do *Contra-Infirmação*, deixando para trás o anonimato político.

Geriu a sua imagem como poucos. Nada era deixado ao acaso. Os resultados estão à vista. A poucos dias das últimas legislativas, o socialista Jack Lang, antigo ministro francês da Cultura, deslocou-se a Lisboa para apoiar Sócrates, mas não esqueceu o amigo Carrilho: «Ele foi um dos melhores, se não o melhor ministro europeu da Cultura», declarou durante. Carrilho declara a apreciação «excessiva», mas não tenciona contrariá-lo.

Se Serralves e o Vale do Côa foram iniciativas aplaudidas, a par do aprofundamento das redes municipais de bibliotecas, da rede nacional de cineteatros, do programa de apoio aos arquivos e do preço fixo do livro, as relações entre o ministro e a Sociedade Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura não podiam ser mais desastrosas. Há quem defenda que só neste momento difícil se conheceu a verdadeira face de Carrilho, a quem alguns dos que com ele trabalharam acusam de autoritarismo e sobrançeria.

Em Novembro de 1999, Artur Santos Silva, presidente do conselho de administração da Sociedade Porto 2001, SA, apresenta a demissão. As razões que levaram o banqueiro portuense a abandonar o projecto eram conhecidas. António Montalvão Machado, deputado do PSD pelo Porto, enumerou-as na sessão parlamentar de 18 de Novembro: «Ingerências injustificadas, por parte do ministro, quer na componente humana quer na componente financeira do projecto; drástica redução orçamental, em relação ao que fora prometido; uma manifesta dessintonia de propósitos: de um lado, o do dr. Santos Silva, o aproveitamento da iniciativa para a requalificação urbana do Porto, para a renovação do tecido económico e social portuense e para a realização de obra que perdurasse para além da festa; do outro, o do ministro da Cultura, o da realização da festa pura pela festa pura, com pompa e circunstância, como se de uma verdadeira feira de vaidades se tratasse, numa exibição clara de um absoluto narcisismo, que é, afinal, a imagem de marca do Governo socialista na área da Cultura.» Desengane-se, contudo, quem pensar que o PSD estava a defender o comissário da Porto 2001 por este se encontrar na sua órbita política: Santos Silva, para além de ser um velho amigo de Soares, sempre navegou em águas socialistas.

O ministro contra-argumentou. Falou de derrapagem orçamental (partindo de um orçamento de oito milhões de contos, «passou-se sucessivamente, face à pressão dos projectos invocados, para 12, 18, 22, 28, 34 e finalmente 36,8 milhões de contos») e acusou Santos Silva: «Procurou esconder [com o seu abandono] a ineficácia de uma administração em *part-time*, sôfrega de dinheiro mas carente de realismo; procurou também ocultar a ausência de resultados – e chamo a atenção dos srs. deputados para este ponto: não há uma só obra em curso, no Porto, e não se conhece um vislumbre da programação calendarizada e orçamentada.» A voz esganiçada do governante acusava irritação pelo facto singular de a bancada socialista ter aprovado, na véspera, um voto de saudação

a Santos Silva pela credibilidade e empenho à frente do projecto. A proposta de voto, da iniciativa do PSD, não podia ter sido mais espinhosa para Carrilho.

O pior ainda estava para vir. Ouvido em comissão parlamentar a 7 de Dezembro, o banqueiro punha os pontos nos ii, denunciando a «deficiência de carácter» do ministro: «Esquece-se de dizer que o orçamento por si próprio anunciado no Luxemburgo quando promovia a candidatura ultrapassava os 50 milhões de contos, muito acima dos 36,8 milhões actualmente fixados»; «Esquece-se de dizer que eu próprio e o eng. Carlos Moreira da Silva [outro administrador] renunciámos desde a primeira hora a qualquer remuneração.» Mais: «Dei a conhecer ao ministro em Junho as linhas de intervenção da programação cultural (...). Há, portanto, programação. Mas não há obra feita apenas ao nível da programação.» E referia detalhadamente o que fora realizado no âmbito da requalificação urbana da Baixa do Porto e dos equipamentos culturais.

Perto de um mês antes da demissão, Santos Silva enviara uma carta a Carrilho em jeito de SOS: «No programa de actividades da Porto 2001, SA, encontra-se prevista a execução de intervenções de requalificação em edifícios onde actualmente estão instalados equipamentos culturais cuja gestão está a cargo de instituições da tutela do Ministério da Cultura.» Passava à sua inventariação, para avançar que «a conclusão dos projectos de execução das intervenções é fundamental para proceder ao planeamento e gestão das obras e dar início aos procedimentos de selecção de empreiteiros e equipas de fiscalização, sendo vital para a concretização do exigente calendário que deverá ser cumprido». E concluía: «Dado que os projectos de execução estão a cargo de instituições sob a tutela do Ministério da Cultura e não tendo a Porto 2001, SA, até ao momento, nenhum dos projectos referidos, situação que nos vem preocupando, dirigimo-nos a V. Exa. no sentido de solicitar informações



© Leonardo Negrão/Arquivo DN

AMOR VISÍVEL
Manuel Maria
Carrilho e Bárbara
Guimarães.
O encontro de
duas personagens
mediáticas

sobre o estado actual do desenvolvimento dos trabalhos e as datas previstas de entrega

dos projectos de execução.» A resposta do ministro chegaria 13 dias depois, indicando que os «organismos tutelados pelo Ministério da Cultura, contrariamente ao que me transmitiu na sua carta, consideram que os atrasos que efectivamente existem são sobretudo da responsabilidade da Porto 2001, SA.» Carrilho sublinhava, no entanto: «Partilho inteiramente das preocupações de que me deu conta quanto aos atrasos apontados, que, estou seguro, poderão ser recuperados com a intensificação dos contactos e a articulação entre os presidentes dos institutos em causa e a administração da Porto 2001, SA.» Estas cartas demonstram a contradição entre o que disse e o que fez o ministro no processo.

As ondas de choque provocadas pela demissão de Santos Silva abalararam o crédito de Carrilho entre os socialistas. António Barreto (que saíra também da administração com o banqueiro) dedicou ao ministro uma crónica no *Público* intitulada «Um Homem sem Qualidades». Chamou-lhe «pavão de província», «ministro rasca de um Governo débil» e apontou-lhe o dedo: «Sabotou, nomeou criaturas suas, tentou controlar,

obrigou a cerimónias para se fazer fotografar bem vestido no *quartier*, desviou dinheiros para o seu orçamento.» Mais: «Traí e desautorizei Guterres.» Carrilho sentiu a honra beliscada e moveu a Barreto um processo-crime por difamação. O Tribunal de Instrução Criminal de Lisboa, pela mão do juiz Rui Teixeira, decidiu não pronunciar o cronista, mandando arquivar o processo num despacho que considera que «o texto escrito pelo arguido é forte, incisivo... dentro de uma certa perspectiva, cruel... mas completamente legítimo numa sociedade democrática onde a crítica é admissível.» O ministro recorreu para a Relação, que confirmou a decisão da primeira instância. Carrilho não se deu por vencido e virou-se para o Tribunal Constitucional, de onde ainda aguarda a sentença definitiva.

É curioso que o mesmo homem que reduziu Marcelo Rebelo de Sousa, então líder da oposição, a «pura gelatina política» tenha pouco poder de encaixe com os reparos dos outros. Ele ensaia uma explicação: «A crítica política deve ser viva e criativa, mas é preciso ter cuidado quando se avançam argumentos que exigem prova.» Um colaborador próximo avança o significado de «gelatina política»: «Marcelo era visto como um ser ziguezagueante, imprevisível. Era a este comportamento político – e não à sua pessoa – que a imagem se aplicava.»

Alegre também não gostou da actuação do titular da Cultura. O histórico socialista

escreveu uma carta a Carrilho em que manifestava «profundo desacordo» com as expressões utilizadas contra Santos Silva. Ao *Expresso*, adiantava ainda que «Guterres não pode deixar de ter uma posição sobre isto.» Enganou-se: o primeiro-ministro fez-de-conta que o problema nunca existira.

A saída de Vieira Nery da Secretaria de Estado da Cultura (em 1997) começava agora a ser vista com outros olhos. Nery – que não escondeu as divergências de fundo que o separavam de Carrilho, embora agora recuse falar sobre o assunto – batera com a porta ou fora empurrado?

Carrilho demitiu-se do Governo em Julho de 2000. As razões eram obviamente políticas. O gabinete do primeiro-ministro adiantava, no entanto, tratar-se de «razões pessoais», numa tentativa de pôr ponto final no assunto. E quando todos pensavam que, com as férias de Verão, se havia enterrado o machado de guerra, eis que a polémica regressou mais viva do que nunca. Em Setembro, o ex-ministro escreveu uma carta aberta a Guterres alertando-o para a multiplicação de «declarações e sinais» que anunciavam o «bloqueio» e a «asfixia» dos compromissos eleitorais assumidos pelo primeiro-ministro. Carrilho admitia que se viviam «momentos difíceis», porventura de «rigor orçamental, que uma desorientada política financeira tornou, talvez, inevitável», mas não podia crer que

RECONHECE HOJE A SEVERIDADE DAS CRÍTICAS A GUTERRES. MAS APRESENTA ATENUANTES: «A ENTREVISTA FOI CONCEDIDA NUM DIA DRAMÁTICO. NO PARLAMENTO, MANUELA ARCANJO ERA CHAMADA A INTERVIR E TODOS NÓS SABÍAMOS QUE ELA JÁ NÃO ERA MINISTRA... A AVALIAÇÃO NÃO PODIA DEIXAR DE SER DURA.»

correspondessem ao «abandono das causas que em seu nome, do Governo e também do Partido Socialista se assumiram no País». Terminava com um recado a Guterres: «É por si que eu temo a avaliação dos portugueses e o juízo da História.»

E isto era apenas o início das hostilidades. Numa crónica semanal no DN, Carrilho dispara em todas as direcções. Questionado sobre a necessidade do ajuste de contas, afirma que não se tratou de nada premeditado: «Quando saí do Governo, fi-lo com todo o desprendimento. Nunca pensei que um mês depois se estivessem a pôr em prática políticas inexplicáveis, que contrariavam tudo o que eu tinha feito. Reservei-me o direito de me pronunciar.» Eis alguns dos «mimos» que às terças-feiras endereçava aos antigos colegas no poder: «O Outono eleitoral de 99 antecipava já, no entanto, muita coisa: a erosão das causas nos banhos de afecto, o quase pânico de opções claras, o desconforto com as exigências concretas» (17 de Outubro). Vê-se «emergir de novo um discurso do poder que tão facilmente garante à cultura o primeiro lugar no registo orçamental, como cinicamente lhe reserva o último na ordem do financiamento» (5 de Dezembro). «Deu-se um papel simbólico de tal modo excessivo, no quadro dos desígnios nacionais, ao Euro 2004, que se pôs em causa, de um modo tão irresponsável como imediato, a difícil e original mobilização pelas causas que fizeram a diferença da Nova Maioria: a educação e a qualificação» (19 de Dezembro).

Este exercício de liberdade de expressão trouxe-lhe dissabores. Quando em Maio de 2001 quis intervir no congresso do PS, recebeu uma monumental vaia. Não o deixaram concluir e baniram o seu nome das listas para os órgãos do partido. Alegre ainda falou de «censura», mas ninguém acusou o toque. Em Julho, numa entrevista à revista *Pública*, desferia o ataque mais mortífero a Guterres. Referia-se-lhe como «uma pessoa que não suporta que não gostem dele (...), o que o impede de ser frontal e explica o privilégio que ele dá à vitimização e o modo

como se esgueira pelas vias da compaixão. É tudo beato, lânguido, insuportavelmente desresponsabilizante». À distância de quase quatro anos, reconhece a severidade do comentário. Mas apresenta atenuantes: «A entrevista foi concedida num dia dramático. No Parlamento, Manuela Arcanjo [titular da Saúde] era chamada a intervir, e todos nós sabíamos que ela já não era ministra... A avaliação de um primeiro-ministro que actua deste modo não podia deixar de ser dura.»

Em Agosto, volta a estar nas bocas do mundo por causa da sua união com Bárbara Guimarães. Nas vésperas da boda, a imprensa mexeriqueira dava conta de que a estrela televisiva casara, quatro anos antes, com Pedro Miguel Ramos, na República Dominicana. A confirmar-se tal facto, Bárbara não poderia contrair matrimónio oficial com Carrilho. O casal levou a festa por diante num restaurante de Lisboa: o «sim» teve lugar em cerimónia informal, testemunhada por familiares e amigos. Quando as fotos da festa começaram a circular, rebenta mais uma bronca: o *Expresso* alegou que o casal lhe havia cedido o exclusivo das imagens, acusando a concorrência de «roubo». Carrilho desmente. «Não houve exclusivos nenhuns. Houve três órgãos de informação que se mostraram interessados, aos quais disponibilizámos algumas fotos gratuitamente. Ponto final.»

A notícia de que uma auditoria da Inspeção-Geral de Finanças detectara irregularidades na atribuição, por parte do Ministério da Cultura, de diversos subsídios – entre os quais um de perto de dois milhões de contos à Fundação de Serralves e outro de 12 mil contos ao programa radiofónico *Culto*, da mesma Bárbara Guimarães, em 1998 – atingiu Carrilho e a mulher em lua-de-mel. O ex-ministro da Cultura não acredita em coincidências: «Houve alguma perseguição política, claro, mas não foi longe», declara, acrescentando que não guarda ressentimentos.

Assiste de camarote à hecatombe eleitoral do PS nas autárquicas de 2001 e à demissão de Guterres nessa noite. Nas legislativas

de 2002, ganhas pelo PSD de Durão Barroso, é eleito deputado pelo Porto. Quando o PS, então sob a liderança de Ferro Rodrigues, se torna refém do processo Casa Pia, Carrilho volta a terreiro com nova «Carta Aberta». Aponta o dedo: «Não foi inteligente, nem prudente, nem responsável, colocar o PS, que é um partido-chave da democracia portuguesa, na órbita de um processo judicial a que ele é inteiramente alheio (...) Os portugueses – e muito particularmente os socialistas – não compreendem a deriva de tipo quase “grupuscular” (...), levando a que se fragilizasse seriamente o PS, que desde então se mostra condicionado por uma inércia bloqueadora e inequivocamente diminuído em termos de acção política.» O documento, publicado no DN em dia de Comissão Política, deu azo a uma das mais longas reuniões daquele órgão nos últimos anos.

Quando Ferro abandona a liderança do PS, no Verão de 2004, Carrilho apoia Alegre para a sucessão. No calor da discussão partidária, compara Sócrates a Santana Lopes na falta de cultura e impreparação ideológica. O reparo não parece ter feito estragos de maior. Eleito secretário-geral com perto de 70% dos votos, Sócrates une o partido contra as políticas de direita.

Na qualidade de «número dois» por Viseu, Carrilho foi um activo participante da última campanha eleitoral, «contribuindo decisivamente» – as palavras são de Jorge Coelho – para levar o PS a ser pela primeira vez a força mais votada em pleno «cavaquistão». Junqueiro, cabeça-de-lista pelo distrito, refere que o antigo ministro da Cultura «teve um impacto arrasador no eleitorado feminino».

Manuel Maria, que tem um fraquinho por botões de punho e colecciona canetas e adversários, está de novo nas graças da direcção socialista. Adepto da corrida (como Sócrates), obriga-se a palmilhar 12 km três vezes por semana, regra geral ao fim da tarde: «Um político executivo precisa de muita resistência física.»

Conseguirá ele guardar a retórica polemista para o seu opositor na corrida à Câmara de Lisboa? ■